Matéria: introdução a etnomusicologia
Professor: Marcos Câmara

O congado não é Escola de Samba

a performance e o lúdico no afro-catolicismo mineiro

Suzel Ana Reily

Bartira Soares Sene Pereira
N° USP 11215302

Estrutura do texto

O artigo apresenta divisão:

- Os congos de Campanha
- Os congos em performance
- Considerações finais

Ele analisa a manifestação afro-católica do congado praticado na região sul do estado de Minas Gerais, particularmente na cidade de Campanha.

“O congado não é escola de samba”

Frase muito falada na cidade de Campanha (onde a autora fez sua pesquisa), para dizer basicamente “congado não é brincadeira”.

Confundido por brincadeira, porém é uma manifestação religiosa, ou seja uma coisa séria.

> “No entanto, quando os congadeiros afirmam que o congo não é escola de samba, não estão se dirigindo tanto a pessoas alheias aos grupos, mas aos seus próprios integrantes, que, nas suas performances, devem se lembrar de que estão dançando e cantando para os santos, principalmente Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Devem, portanto, dançar com dignidade e respeito e não simplesmente pelo puro prazer de dançar”

O valor lúdico do congado

Mundo moderno - lúdico é um adendo da vida, algo para depois do trabalho.

Porém os acadêmicos que estudam o lúdico vem provando a centralidade dele para a vida social e humana.

Huizinga: capacidade inata dos seres humanos e essencial para a sobrevivência.
Victor Turner: situa-se na esfera da possibilidade, o domínio do que poderia ser, ou seja espaço imaginário.

“Os congados, ao se oporem às escolas de samba, associações com as quais também se confundem, apresentam-se como contextos propícios para se investigar o lúdico enquanto domínio que permite tanto a imaginação quanto a vivência de realidades diversas: o domínio religioso e o domínio do divertimento.”

Os congos de Campanha

- Os mitos de origem do congado quase sempre estão ligados a libertação da escravidão.
- Ligação com as festas do Rosário. Em Campanha a festa é em outubro, sendo determinada a cada ano pelo padre.
- Irmandades Negras e a coroação de um rei negro.
- Por que chamam congos?
- Membros recrutados entre as populações de baixa renda. Predominância de negros participando.
- Três congados, cada um representando um bairro da cidade.

Instrumentação

Treme terras
Tamborins
Reco-recos
Chocalhos/Ganzás

Violas e violões - tocados pelos mestres

Trombones de vara ou trompetes

Sanfona, Bandolim

Tudo isso com a cantoria em toadas, estilo “chamada e resposta”.

Versificação

Em quadras:

Ó Senhora do Rosário,

Seu mistério não tem fim.

Ó Senhora do Rosário,

Vai contar tudo pra mim.

Normalmente louvações a Nossa Senhora do Rosário ou São Benedito.

Performativos:

Ai que encontro tão bonito,

Nós fizemos nesta hora.

Encontrou dois congadeiro,

Empregados de Nossa Senhora

Atos rituais que o congo está executando a cantar.

Porém aparenta pouco sentido ritual, é usado metáforas entendidas como “transcritos secretos”, ou seja, “críticas do poder que articulam as experiências subalternas de injustiça social, sendo os “transcritos” encobertos por formas expressivas de caráter aparentemente inócuo, seu “verdadeiro” significado mantido oculto.”

Isto é um legado Bantu visto nas toadas do congado de Campanha.

Camundongo, sai do caminho,
Camundongo eu quero passar.
Camundongo é um bicho bravo,
É capaz de querer me pegar

Os congos em performance

Começam a ensaiar cinco a seis semanas antes da Festa de Nossa Senhora do Rosário

Executam dois gêneros diferentes de toque:

- A marcha
- Toada quente

Toada quente

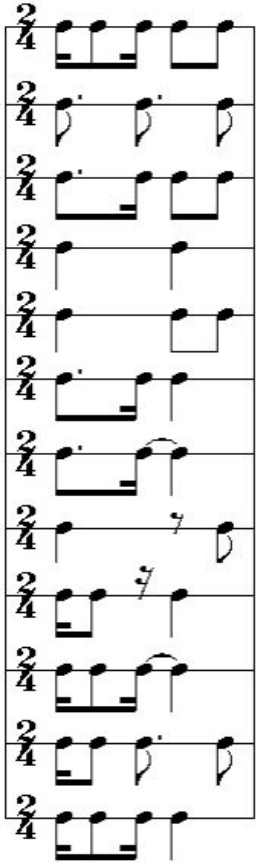
Tocada na rua apenas.

A estrutura rítmica gira em torno de uma linha guia de oito impulsos, muito comum nas tradições de origem bantu no Brasil.

Propicia a dança e a ginga por conta das síncopas.

O tarol mantém um ritmo fixo:

Os outros percussionistas executam variações:



Entre os caixeiros é sempre procurado não tocar o ritmo usado por músicos próximos, exigindo assim uma consciência gigantesca do ambiente, permitindo diálogos não verbais.

Sequência coreográfica: meia lua, dois cordões trocam de lugar, rodeando músicos do centro.

A toada quente representa a abolição da escravidão, a liberdade, por isso há tantos rítmos, movimentações e dança

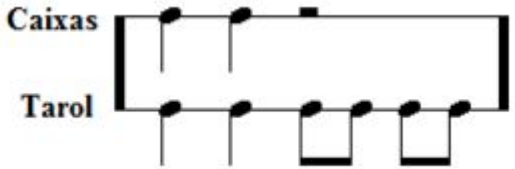
Marcha

Tocada na saída do grupo e no retorno, na intimidade do grupo, antes de saírem às ruas e quando retornam a sua base para guardarem seus instrumentos. Também na procissão.

Os instrumentos têm ritmos fixos.

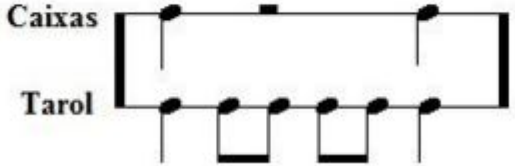
“ Há um ritmo para os taróis, sendo que os demais instrumentos fazem duas batidas acentuadas em uníssono nos primeiros dois impulsos de cada compasso. ”

O toque de marcha e um toque de marcha na procissão são parecidos, mas na procissão a marcha é tocada com o deslocamento da primeira batida:



toque de marcha

inibe o movimento corporal



toque de marcha na procissão

o corpo é impulsionado para frente

O contraste entre os dois toques

“Tem-se, no contraste entre os dois toques, uma experiência corporal de dois mundos: um marcado pela submissão, regras fixas e mobilidade limitada; o outro de liberdade corporal, escolhas e a expressão de orgulho e autodeterminação. Enquanto a marcha cria sensações corporais que relembram a experiência de se encontrar acorrentado, a toada quente promove a celebração de um corpo autônomo. ”

Considerações finais

- A tradição de congados no sul de MG se estrutura em uma dramatização simbólica que apresenta a experiência negra em relação a dois períodos históricos: escravidão e abolição.

- O congado celebra um evento passado mas também proclama a necessidade de continuar a luta pela liberdade negra no Brasil contemporâneo.

“De cabeça erguida e com uma profunda manifestação de orgulho, os congadeiros saem às ruas exibindo seus corpos, sua destreza e sua musicalidade; mas antes de sair para o mundo, relembram o sacrifício dos seus ancestrais, cuja determinação inabalável em sobreviver e manter a dignidade continua a motivar as gerações atuais a se fazerem visíveis – e audíveis –, tocando suas caixas com força, exuberância e firmeza, mantendo vivas suas aspirações pôr um fim efetivo à escravidão”